

# Embrulhando o pacote para o Natal

Embrulhados já estamos todos: todo o Brasil e o mundo todo. Enquanto não aconteceu, ninguém imaginou o cenário que agora se tornou realidade global. Daí pra frente todos vão prestar mais atenção aos tigres asiáticos, embora cuidando de perto do nosso leão que está prestes a implementar uma mordida não combinada entre as partes. E o pior é que o leão não veio sozinho e trouxe consigo um pacote cheio de bombas de efeito retardado, as quais já colocaram as diversas classes sociais de sobreaviso, principalmente a classe média, que pelo visto deve muito, pois é sempre quem paga a conta de todo e qualquer pacote que é deixado à sua porta, mesmo que não tenha sido encomendado.

Numa hipótese otimista, aberto o pacote, lá se encontrará um montão de limões, um limão em cima do outro. Ora, como diz o dito popular: "Se o destino lhe der um limão, faça dele uma limonada!".

Trata-se, pois, de colocar em uso a potencial inteligência emocional que dizem os livros existir em qual-

quer pessoa, bastando para isso entrar em contato com a realidade de cabeça fria e descobrir onde está o açúcar indispensável a uma limonada doce...

Uma árdua tarefa para a classe média endividada, a qual, pelo menos no estado do Rio de Janeiro, consta estar mal das pernas, ou pior, dos bolsos. Pesquisa publicada esta semana no JB indica que 52% (!) dos entrevistados têm alguma dívida, empréstimo ou prestação para pagar, sendo que, destes, cerca de 40% estão com dívidas em atraso!

Por este panorama nublado, vemos que as despesas com as festas natalinas vão ser sacrificadas pela provável exaustão do sonhado 13º salário, o qual por medida cautelar, deverá ser prioritariamente destinado ao pagamento das dívidas pendentes, pois os juros correntes estão em níveis assustadores e fazem com que o melhor investimento seja pagar o que se deve. Cartão de crédito e cheque especial devem ser quitados imediatamente. Se a grana estiver, ainda assim, curta, deve-se

recorrer ao chamado empréstimo familiar: pegar dinheiro emprestado com a sogra, a avó das crianças ou na caderneta de poupança dos filhos, pagando juros desses investimentos. Afinal, quem não tem crédito em casa, não vai conseguir fora de casa...

Para os bem comportados que ainda conseguem ter uma poupança líquida no seu orçamento familiar – compatível com as recentes declarações do ministro Malan – sobram agora excelentes oportunidades no curto prazo para aplicações nas novas taxas de juros como dizem: "mal de uns, bem de outros". Daí, o que estará sendo uma tragédia financeira para os endividados passará a ser uma alegria para os poupadouros do consumo ou de despesas supérfulas.

Para quem aguardava com ansiedade uma boa oportunidade para abrir um negócio por agora, uma boa dica: não dar passo maior que a perna e só operar com capital próprio, sem pagar juros. Se não der para isso, aplique a grana nessas altas taxas presentes, aumentan-

do assim seu capital e entrando no negócio mais adiante inteiramente capitalizado.

Por todo esse raciocínio dá bem para entender porque taxas de juros altas constituem um fator recessivo para a economia se vigente por muito tempo: as pessoas tendem a viver da alta renda das aplicações, enquanto os empreendedores ficam impedidos de produzir porque as taxas de empréstimo e de reposição do capital de giro tornam os negócios inviáveis a longo prazo.

Assim, se até o Natal, as bombas internacionais tiverem sido convenientemente desativadas e os campos minados asiáticos identificados e colocados sob controle, pode ser que o nosso pacote possa ser desembrulhado sem muito perigo tornando as nossas bombas em fogos de artifício para as festas de fim de ano. Deus queira...

---

Professor de Matemática Financeira do Departamento de Economia da PUC-Rio.